

Pedro Tierra e os Poemas do Povo da Noite¹

A Última Noite

Sexta-feira. Noite.
Noite mais longa
que os sete anos de André,
os nove anos de Ivo,
noite mais longa
que o beijo de Clarice.

Na carne da sombra
outras sombras se desenham
buscando formas humanas
(é necessário um disfarce mínimo)
contra o claro corte de luz.

Ninguém viu como chegaram.
Em torno a treva abriga
o passo de seus filhos.

As mãos sedentas de gritos,
de prisões, de chagas,
arrastam teu corpo
ao território da treva.

Mas não estás sozinho,
nunca mais estarás sozinho.
Teus irmãos te resgatam
e adiam para amanhã
o riso dos chacais.

De tuas mãos ainda brotará
o último noticiário da noite.
Preso entre os dedos
o endereço da morte.

¹ Uma coletânea de poemas de Pedro Tierra, publicados em Os poemas do povo da noite
<http://www.espacoacademico.com.br/048/48cmaues.htm>

Sobreviveremos

Perdemos a noção do tempo.

A luz nos vem da última lâmpada,
coada pela multidão de sombras.

A própria voz dos companheiros tarda,
como se viesse de muito longe,
como se a sombra lhe roubasse o corte.

Nessa noite parada sobrevivemos.

Ficou-nos a palavra, embora reprimida.

Mas o murmúrio denuncia que a vitória
não foi completa. Dobra o silêncio
e envia o abraço de alguém
cujo rosto nunca vimos e, todavia, amamos.

Nessa noite parada sobrevivemos.

Sobreviveremos.

Ficou-nos a crença, de resto, inextinguível,
na manhã proibida.

(74)

A palavra sepultada

Hoje eu queria dizer-lhe muitas coisas,
de resto, ninguém mais poderia ouvir-me.

Seu coração receba o vento de minha dor.

A porta do calabouço cerrou os dentes
sobre meus ossos.

A morte visita minha boca
num murmúrio sepultado e inútil.

Sinto enorme o peso das palavras.

É quando a mudez se tornou vício.

É quando o muro não cercou o corpo apenas
e há coisas necessitando explodir.

É quando a palavra dita não vem do cerne
e se perde na cinza.

Eu queria dizer-lhe muitas coisas,

Não há como fazê-lo.

Na cela ao lado, um companheiro morto.

Algo a dizer sobre isso?

O que pode o grito se não se perpetua?

As palavras estão gastas, mortas por dentro.

Meu corpo será meu grito,

embora hoje permaneça mudo

e sem esperança de compor um canto urgente.

Hoje eu queria dizer-lhe muitas coisas...

(73/75)

Companheira

Senti teus olhos na sombra
como diamantes mudos,
teus olhos aprisionados
como passarinhos.

Guardei no peito teus olhos
de madrugada rebelde,
rompendo a noite
dos corredores.

Tomei na sombra tuas mãos feridas
como terra semeada
e aprendi o ódio dos escravos
no instante que precede a revolta.

(74)

Perguntaram-me muitas coisas...

Perguntaram-me muitas coisas
mas eu estive calado, porque
é inútil falar aos inimigos
quando os inimigos são fortes.

Porque é inútil repetir
ao assassino de meu irmão
as cores da manhã
reconstruída sobre sua morte.

Eu lhes narrei apenas, nos intervalos da dor,
as promessas de incêndio,
o povo na casa dos opressores,
o muro dos justificados.

Perguntaram-me muitas coisas
mas eu estive calado, porque
é inútil falar aos inimigos
quando os inimigos são fortes.

(74)

As mãos limpas

Ao companheiro Alexandre Vannucchi Leme,

Assassinado em 17 de março de 1973

Sobre a mesa as mãos de um homem:

Branças, limpas, tranqüilas.

Mãos de um habitante das cidades.

Por si mesmas não dizem nada.

Acariciam os cabelos dos filhos,
o rosto da mulher, compram os jornais,
dirigem o automóvel,
estarão suadas ao meio-dia.

Esses, afinal, são gestos universais.

Contudo, neste fim de tarde, eu as vejo
Exaustas, vazias, manchadas de sangue.

O corpo de Alexandre repousa sem algemas,
(é pouco mais que um adolescente)

Da boca obstinada não fugiu palavra
e, na morte, seu rosto resplandece.

Daquelas mãos não se dirá:

“Estão marcadas com o sangue dos inocentes”.

Ei-las: lavadas, neutras, polidas cuidadosamente,
prontas a repetir gestos universais.

Acariciar os cabelos do filho,
o rosto da mulher,
passear pela cidade, insuspeitadas.

Ir ao cinema. Levar o cigarro à boca.

Confundir-se entre mãos comuns
dos homens comuns, dessa cidade comum.

(73)

O capuz

Cá está o capuz sobre a grade.

Traz consigo uma segura
promessa de dor. Na boca
do sentinela um meio riso.

Cá está uma parcela da noite
cobrindo meu rosto.

A mão de meu inimigo
determina o caminho.

Pelos corredores aprendi
o jeito inseguro dos cegos.

As mãos tateando a parede.

Sob os pés a escada imprevista,
o degrau a mais, a queda,
o riso dos soldados,
o gesto perdido buscando
uma porta que não houve.

O passar dos dias
e as cicatrizes no corpo
ensinaram-me esse caminho.

Nos dedos guardei as arestas,
o ferro das portas,
o fio dos dínamos.

No dorso a marca
desses dias de sombra.

O capuz repete a dor
no corpo de cada combatente,
uma dor mercenária
recrutada a serviço da noite.

(74)

As mãos atadas

No hora do grito
é difícil perceber algo
no rosto dos perseguidos.
Alguns ganham a cor dos homens aflitos,
Outros, um cansaço de mil anos, ou ainda,
a maneira triste dos homens capazes de morte.
Taciturnos depois da noite de suplício.
Era voz de mulher
mas nenhum de nós lhe viu o rosto.
Não é preciso dizer nada
e guardo meus pensamentos:
(contra os golpes do carrasco
restou apenas
a força de minha crença.
Essa foi minha arma,
essa terá sido a sua.
Será a do último
torturado desta guerra.)
.....
Se algum dia tiveres
de enfrentar essa batalha
não contes com a morte rápida.
Não te espantes de estar vivo
depois do primeiro dia.
Foi apenas o primeiro dia.
Sobretudo não contes
com o gesto humano,
nas mãos de teu carrasco.
Não procures aqui
um gesto que se perdeu
na rua dos oprimidos.
Entre as mãos caladas do torneiro
regressando ao subúrbio,
talvez encontres um gesto humano. (74)

I. Abertura 1975

A Porta dos palácios não se fechou.
Há pranto no país?
Mobilizai reservas de silêncio!
Da praça onde o último canto,
o último pranto resistem,
não fuja nada
além do gesto emudecido.
É imprescindível
manter o canto sitiado.
O eco do pranto não roube
o sabor do banquete.
O sangue dos rebelados não tinja
o verde-ouro das divisas,
e haja sombra suficiente
a envolver os alicerces do "milagre"..
Não chegue o ofício da morte
além do rigoroso limite da noite.
Não se permita à mão ferida
semear a surda semente de liberdade.

II. A Espera

A noite rouba o contorno das coisas.
Um silêncio povoado de perguntas
habita a casa e teus olhos, mãe.
As crianças adormeceram sem resposta.
Plantada no peito
um secreta semente de inquietude.
Acidente? Os hospitais não responderam.
A noite abriga muitos perigos.
Os poderosos do dia se calam.
Há, contudo, muitos crimes no país...
... ..
Um rumor de passos na escada.
A angústia desfeita, uma vontade
de rir dos vãos temores,
das horas perdidas de sono.
Mas a porta range
como se reclamasse mais carinho
e os sapatos na sala não têm
o jeito sossegado de quem retorna.
Tem, antes, um pisar sombrio
que marca o chão e teus olhos, mãe.
Vieram calados

como um vento de desesperança.
A chuva insiste em dissolver
os passos esquecidos no jardim.
Resta agora um silêncio maltrapilho
como o instante que precede o pranto.

III. O Destino

Batidas as portas.
Perdidas as chaves da sombra.
Esta é uma terra de crime.
Marco na parede o nome dos mortos
e morro no corpo de cada um
e revivo, cinza recomposta,
nos sonhos de cada um...
Lavo as feridas do tempo.
Recolho entre os dedos
a chuva e com ela componho
e com ela componho
um acalanto humilde
ao sono dos torturados.
E cada um é um só e todos,
é meu pai, meu irmão,
a noiva perdida, é meu próprio corpo
marcado pelo suplício.
E cada um é força. Semente.
E não há noite, por mais treva,
capaz de ceifar as flores,
sentinelas dos túmulos
provisoriamente ignorados...

IV. Persiste a Sombra

Atrás das portas abertas
a pedra dos muros vigia,
a sombra dos mortos persiste,
o grito dos vivos corrói
as paredes da noite.
Os poderosos do dia se calam.
Há, contudo, muitos crimes no país...
Marco nas paredes da cela
o nome dos esperados
e espero no corpo de cada um.
Revivo, cinza recomposta,
nos sonhos de cada um.